

A EXPERIÊNCIA ENTRE VIVÊNCIAS COMO ESTILHAÇOS: A MEMÓRIA E A NARRATIVA NO UNIVERSO KAFKIANO SOB A PERSPECTIVA DE WALTER BENJAMIN

Heraldo Aparecido Silva

Mikaely Havena Paulino de Figueiredo

RESUMO

O presente trabalho, é fruto de um estudo referente às contribuições teóricas do filósofo alemão Walter Benjamin sobre a noção de experiência, juntamente com uma análise criteriosa da obra *Narrativas do Espólio*, sob autoria do escritor tcheco Franz Kafka. De modo, que busca identificar nas obras de Walter Benjamin elementos teóricos que possam guiar as investigações acerca da ligação entre filosofia, literatura e educação. Tendo como objetivo esquadrihar os principais aspectos narrativos e temáticos que tenham relação aos principais personagens do universo kafkiano presente na obra *Narrativas do Espólio*. Portanto, a pesquisa constrói uma ponte entre os universos de Walter Benjamin e Franz Kafka.

Palavras-chave: Experiência. Memória. Narrativas. Educação. Literatura.

THE EXPERIENCE BETWEEN EXPERIENCES AS SHAVES: MEMORY AND NARRATIVE IN THE KAFKIAN UNIVERSE FROM THE PERSPECTIVE OF WALTER BENJAMIN

ABSTRACT

*The present work is the result of a study referring to the theoretical contributions of the German philosopher Walter Benjamin on the notion of experience, together with a careful analysis of the work *Narrativas do Espólio*, authored by the Czech writer Franz Kafka. So, that seeks to identify in the works of Walter Benjamin theoretical elements that can guide investigations about the connection between philosophy, literature and education. Aiming to scrutinize the main narrative and thematic aspects that are related to the main characters of the Kafkaesque universe present in the work *Narrativas do Espólio*. Therefore, the research builds a bridge between both universes of Walter Benjamin and Franz Kafka.*

Keywords: Experience. Memory. narratives. Education. Literature.

Doutor em Filosofia (UFSCAR). Docente do Programa de Pós-graduação em Filosofia (UFPI). Brasileiro. Residente em Teresina-PI. E-mail: heraldokf@yahoo.com.br

Graduanda em Pedagogia. Bolsista de Iniciação Científica Voluntária ICV-UFPI (2021-2022) e de Iniciação Científica PIBIC/CNPq – UFPI (2022-2023). Brasileira. Residente em Teresina-PI. E-mail: mikaelydefigueiredo@gmail.com

Introdução

Ao ter contato com a literatura kafkiana, de Franz Kafka o leitor sentirá a leve e divertida sensação de ter caído dentro de um buraco assim como a pequena Alice caiu no curioso e fantástico País das Maravilhas. Atordoada e ao mesmo tempo perplexa com tudo o que vê à sua frente começa a desbravar aquele mundo ainda desconhecido que revelará o quanto é extremamente importante conhecer-se acima de tudo. Sócrates em sua famosa frase já dizia “Conhece-te a ti mesmo” pois não há nada mais libertador do que entender a sua própria essência para constituir-se como um ser que busca transformação, *redescricao*, modificações, reestruturações para a conquista e consolidação do desejo de fazer do mundo um lugar melhor. Nesse sentido, Alice vive/sente experiências que a tornam outra pessoa diferente da que ela era ontem. Caminhos que antes ela não sabia para onde levavam foram definidos.

A literatura Kafkiana, a exemplo de *Narrativas do Espólio* expõe nas breves historietas temas rotineiros, adversos com toque de dúvida que envolvem a existência humana ou não, que podem até compor, digamos assim, uma filosofia kafkiana às vezes sombria, misteriosa, reflexiva, contraditória, educacional e poética. Ainda nessa perspectiva, é importante reforçar que podem aparecer alguns *spoilers* referentes a obra, contudo esse risco pode transformar-se em pontapé inicial para o futuro leitor mergulhar nesse universo particular e ao mesmo tempo abrangente de Franz Kafka. Pois, assim como Alice, o leitor sentirá que já não é o mesmo de antes, que sempre haverá reflexões a serem feitas de absolutamente tudo o que há em sua volta de uma forma duramente real, mas sob uma perspectiva de utopias nenhum pouco românticas.

O que vai ao encontro com o que Walter Benjamin fala sobre a valorização das narrativas como um subsídio para a transformação da sociedade: “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (BENJAMIN, 1987, 198). Isto porque,

Doutor em Filosofia (UFSCAR). Docente do Programa de Pós-graduação em Filosofia (UFPI).
Brasileiro. Residente em Teresina-PI. E-mail: heraldokf@yahoo.com.br

Graduanda em Pedagogia. Bolsista de Iniciação Científica Voluntária ICV-UFPI (2021-2022) e de Iniciação Científica PIBIC/CNPq – UFPI (2022-2023). Brasileira. Residente em Teresina-PI. E-mail: mikaelydefiguereado@gmail.com

ao escutar as histórias o ouvinte acaba por vestir-se da narrativa e mescla as experiências que já possui juntamente com as novas, de modo que essas narrativas sempre estarão com uma nova roupagem de experiências de cada pessoa que conte-a ou entregue-a a outro alguém.

Com isso, esses narradores se dividem em dois grupos: o narrador que vem de muito longe e possui amplo repertório de histórias estrangeiras para contar (representado pelo marinheiro comerciante) e o narrador que vive sem sair de seu país, porém conhece-o como a palma de sua mão, quando o assunto são histórias nativas e tradição (representado pelo camponês sedentário). Em ambos os grupos, a transmissibilidade da experiência, cujo objetivo é a expansão da sabedoria, o caráter prático, um ensinamento cotidiano ou até mesmo um provérbio, no qual proporcionará a mudança ou engajamento em determinada atividade ou norma de vida. Dessa forma, ilustro com as palavras do grande filósofo alemão:

[...] Mas se “dar conselhos” parece hoje algo antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros. Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. Para obter essa sugestão, é necessário primeiro narrar a história (sem contar que o homem só é receptivo a um conselho na medida em que verbaliza a sua situação). O conselho tecido na substância viva da existência tem nome: sabedoria (BENJAMIN, 1987, 200).

Nesse pensamento, Benjamin evidencia a queda drástica da narrativa dando lugar à evolução do romance e da informação. A alavancada desse gênero só tornou-se possível com a criação da imprensa. O romance divergente da narrativa está diretamente ligado ao livro, ele não advém da tradição oral nem a estimula, pois a origem dele pertence ao próprio eu do indivíduo, é alguém dono de uma dor ou fato peculiar que não recebe conselhos e inquestionavelmente não sabe dá-los. Um grande exemplo citado é o clássico: *Dom Quixote*, uma vez que apresenta um personagem claramente bravo, dono do título dos heróis mais pomposos da literatura, porém desprovido de plena sabedoria para semear. Distintivamente da narrativa, na qual o saber vinha das raízes das vivências populares estrangeiras e nativas; a

Doutor em Filosofia (UFSCAR). Docente do Programa de Pós-graduação em Filosofia (UFPI). Brasileiro. Residente em Teresina-PI. E-mail: heraldokf@yahoo.com.br

Graduanda em Pedagogia. Bolsista de Iniciação Científica Voluntária ICV-UFPI (2021-2022) e de Iniciação Científica PIBIC/CNPq – UFPI (2022-2023). Brasileira. Residente em Teresina-PI. E-mail: mikaelydefiguereado@gmail.com

informação exige uma verificação imediata. Só possui valor no momento em que é inédita.

Vale ressaltar, que a interpretação da narrativa, desde o primeiro narrador: Heródoto, o ouvinte é quem cria o seu próprio entendimento a respeito da narrativa e conseqüentemente a repassa. Enquanto, o narrador sutilmente priva-se da explicação: ele nada destrincha ou informa, apenas relata. Já a informação há necessidade de explicá-la minuciosamente.

Um dos pontos, talvez o mais lindo levantado por Benjamin que chama atenção é a relação entre a narrativa e o trabalho manual, pois para o filósofo:

[...] A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão- no campo, no mar e na cidade-, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (BENJAMIN, 1987, 205).

Nesse sentido, vemos como o narrador assemelha-se aos educadores, que buscam, vivem, misturam, adquirem experiências para marcar/ transformar a vida do aluno como uma porção de argila torna-se vaso garboso sob o movimento de vai e vem das mãos pacientes do oleiro, cheio de sabedoria para semear.

Para entender todo o contexto deste artigo será de grande valia o leitor conhecer brevemente Franz Kafka e Walter Benjamin. Sobre o escritor tcheco, Franz Kafka, nasceu em 3 de julho de 1883 na cidade de Praga, Boêmia, atualmente República Tcheca. Em 1917, aos 34 anos de idade, sofreu a primeira hemoptise de uma tuberculose que iria matá-lo sete anos mais tarde. Kafka teve uma vida difícil com a doença que lhe acometia e uma relação não pacífica com o pai que não reconhecia a legitimidade da sua carreira de escritor. Apesar de passar por diversos problemas, o autor nunca deixou de escrever, justificando assim a seguinte frase: “Tudo o que não é literatura me aborrece”. Embora tenha publicado pouco e, já no fim da vida, fez um pedido ao amigo Max Broud que queimasse os seus escritos, desejo a qual indubitavelmente não foi atendido, pois ele identificou a tamanha grandeza que havia naqueles escritos. Franz Kafka morreu pouco antes de seu aniversário de 41

Doutor em Filosofia (UFSCAR). Docente do Programa de Pós-graduação em Filosofia (UFPI). Brasileiro. Residente em Teresina-PI. E-mail: heraldokf@yahoo.com.br

Graduanda em Pedagogia. Bolsista de Iniciação Científica Voluntária ICV-UFPI (2021-2022) e de Iniciação Científica PIBIC/CNPq – UFPI (2022-2023). Brasileira. Residente em Teresina-PI. E-mail: mikaelydefiguereado@gmail.com

anos. Quase desconhecido em vida naquela época; em contrapartida; hoje é considerado um dos maiores escritores do século.

Walter Benedix Schonflies Benjamin, nasceu em Berlim, Alemanha, no dia 15 de julho de 1892. Foi um filósofo, ensaísta, crítico literário, jornalista e tradutor alemão. Deixou grande acervo de obras literárias, além de ter contribuído para o pensamento político, para a filosofia, para a história e para a pedagogia. Além disso, de forma inédita desenvolveu reflexões nas quais buscou conciliar a teoria marxista com a tradição judaica, fazendo nascer um pensamento que muitos consideram de difícil assimilação, ainda que de grande beleza literária. Walter Benjamin suicidou-se em 1940 em meio ao desespero da segunda grande guerra.

Ambas as figuras apresentadas, em seus escritos dialogam acerca da relação entre filosofia, literatura e educação bem como a noção de experiência em Walter Benjamin que vai ao encontro com os aspectos narrativos e temáticos concernentes aos principais personagens da obra *Narrativas do Espólio* de autoria do escritor tcheco Franz Kafka. Resultando na construção de uma ponte que une os dois, equilibrada pelos pilares da narrativa, da experiência e da memória.

1 Análise da obra *narrativas do espólio de Franz Kafka*

Inicialmente, é necessário conhecer as ambientações presentes nas narrativas kafkianas. Dono de histórias com tom pessimista, recheadas de secura, solidão, extremas reflexões e personagens altamente complexos, vê-se diversas situações, dentre elas as problematizações entre um mestre escola e seu aprendiz, que juntos desenvolvem estudos para descobrirem o misterioso caso envolto no aparecimento de uma toupeira gigante nas proximidades de uma pequena aldeia; acontecimento este que para alguns habitantes não é motivo de preocupação ou aflição. Ao contrário dos demais, o mestre escola e o aprendiz resolvem investigar ao máximo sobre o caso da toupeira, que futuramente ocasionará em estudos notáveis para ambos. No começo, é possível observar que os dois passam por diversos conflitos a fim de provar a todos a existência da criatura. Ainda na narrativa, fica evidente a relação recíproca entre docente e discente que os envolve.

Doutor em Filosofia (UFSCAR). Docente do Programa de Pós-graduação em Filosofia (UFPI). Brasileiro. Residente em Teresina-PI. E-mail: heraldokf@yahoo.com.br

Graduanda em Pedagogia. Bolsista de Iniciação Científica Voluntária ICV-UFPI (2021-2022) e de Iniciação Científica PIBIC/CNPq – UFPI (2022-2023). Brasileira. Residente em Teresina-PI. E-mail: mikaelydefigueiredo@gmail.com

Os comentários que existem de Max Brod sobre a construção da obra do amigo demonstram maestria brilhante perante o tom pessimista que expressa desencanto diante do mundo, da representação do conflito do homem com a vida, a burocracia e o ineditismo ao trabalhar com personagens animais como o gato-carneiro, seres híbridos ou imaginários. Símio, cão ou toupeira. Animais esses que comprovam a supremacia kafkiana ao passo que pensa-se quando por hipótese imagina-se que seja uma releitura do próprio ser humano ou dos seus sentimentos, anseios, pensamentos. Em consonância Walter Benjamin, diz que:

[...] Esse gesto supremamente enigmático e supremamente simples é um gesto de animal. Podemos ler durante muito tempo as histórias de animais de Kafka sem percebermos que elas não tratam de seres humanos. Quando descobrimos o nome da criatura – símio, cão ou toupeira -, erguemos os olhos assustados, e verificamos que o mundo dos homens já está longe. Kafka é sempre assim; ele priva os gestos humanos dos seus esteios tradicionais e os transforma em temas de reflexões intermináveis. (BENJAMIN, 1987, 147).

As parábolas presentes nas obras de Kafka contém algo como o desdobramento de um botão de uma flor, como disse Benjamin (1987, 148), que pode indubitavelmente ser explicado na educação, nas práticas de ensino como processos de transformação de si. Ou seja, tem algo que aspira a sapiência, resultado de uma criação literária. No entanto, é necessário ter cautela, pois as parábolas apresentam as atitudes e gestos dos animais kafkianos. Tendo em mente, que elas possuem temáticas questionadoras tais como a organização da vida e do trabalho na comunidade humana.

Experiência, esquecimento e memória. Três noções que possuem semelhança para um mundo constituído por Franz Kafka e Walter Benjamin. A experiência interioriza, marca, abraça, perpetua, narra, conta, sintetiza, mistura, transforma algo que de certa forma não dá gosto ao esquecimento, que não é constituído por pobreza de experiências, e intrinsecamente pertence à memória. Pois só haverá esquecimento se a experiência não for tocada ou simplesmente vinculada.

Dessa forma, os personagens animais, híbridos ou não, da coletânea kafkiana, marcam através da experiência do conflito de nós mesmos com a vida, com a

Doutor em Filosofia (UFSCAR). Docente do Programa de Pós-graduação em Filosofia (UFPI).
Brasileiro. Residente em Teresina-PI. E-mail: heraldokf@yahoo.com.br

Graduanda em Pedagogia. Bolsista de Iniciação Científica Voluntária ICV-UFPI (2021-2022) e de Iniciação Científica PIBIC/CNPq – UFPI (2022-2023). Brasileira. Residente em Teresina-PI. E-mail: mikaelydefiguereado@gmail.com

burocracia, com a solidão e com a dor que se transforma em pensamento ou reflexão. Assim, quem lê Kafka certamente não será mais o mesmo.

Buscando analisar a obra como um todo será apresentado algumas perspectivas contidas em certos contos apresentados respectivamente. A exemplo do segundo conto intitulado **Blumfeld, um solteirão de meia de idade**, Kafka apresenta uma história mirabolante e terrivelmente questionadora sobre a existência humana. Blumfeld é um homem organizado que se sente solitário e como solução para minimizar a solidão pensa em adotar um cachorro, mas logo volta atrás, pois pensa no trabalho que um cão pode dar ao ficar velho. Mesmo distraído-se com whisky e revistas francesas a solidão nunca o abandona. E de forma surpreendente e surreal surgem duas bolas pequenas que parecem ter vida para fazer companhia a Blumfeld, elas não precisam de comida, nem de cuidados, e não ficam velhas. Uma ótima companhia para o solteirão, porém ele não reage bem. Parece uma ironia, não é mesmo? Valerá reflexão.

Em **A Ponte** “Uma vez erguida, nenhuma ponte pode deixar de ser ponte sem desabar” (KAFKA, 2002, 64). É um conto aparentemente análogo à vida humana, pois às vezes, por circunstâncias somos pontes que devem sustentar sem desabar o peso, as doçuras, o amargo, o perigo, o medo, o impossível, o sonho, o desconhecido que é viver a vida em meio às inseguranças.

Em **O caçador Graco**, Kafka conta a estranha narrativa do defunto caçador errante que desde que perseguiu uma camurça na Floresta Negra, sofreu uma queda e veio a óbito. Desde o acontecido nunca encontrou paz para descansar, vive viajando em um barco sem destino por todas as partes do mundo. Ao chegar, em uma cidade litorânea, chamada Riva, é recebido ainda desacordado pelo prefeito, que através de uma reza o ressuscitou e o caçador subitamente transformou-se em uma borboleta. Depois, ambos conversam sobre o passado do caçador, evidenciando a culpa e o castigo que Graco carrega por ter seguido aquele ofício.

O conto **Durante a construção da muralha da China**, mostra uma imagem real de tal construção abordando temas culturais, militares e até desvendando mitos. O autor tcheco, de forma profunda enfatiza que muitas vezes nos deixamos submeter a autoridades que nem ao menos temos a certeza de existir, mas se só fazemos o

Doutor em Filosofia (UFSCAR). Docente do Programa de Pós-graduação em Filosofia (UFPI).
Brasileiro. Residente em Teresina-PI. E-mail: heraldokf@yahoo.com.br

Graduanda em Pedagogia. Bolsista de Iniciação Científica Voluntária ICV-UFPI (2021-2022) e de Iniciação Científica PIBIC/CNPq – UFPI (2022-2023). Brasileira. Residente em Teresina-PI. E-mail: mikaelydefiguereado@gmail.com

que é dito, sem questionar, sem pensar, apenas realizar o que foi dito, seríamos bons construtores para a muralha. Assim Kafka escreveu: “O comando existiu, sem dúvida, desde sempre, bem como a decisão de construir a muralha” (KAFKA, 2002, 83)

A batida no portão da propriedade, traz a curiosa história de dois irmãos que ao passarem por uma propriedade rural, a irmã do rapaz faz que bate no portão da mesma, porém nunca foi comprovado se ela realmente bateu. Em consequência disso, os camponeses de uma aldeia desconhecida denunciam a moça juntamente com o rapaz por tal crime. Depois, chega uma espécie de guarda que os direciona para um tribunal com a presença de um juiz. A irmã não estava presente, pois o irmão pediu que ela voltasse para trocar de roupa a fim de que na hora do julgamento a garota estivesse apresentável. Contudo a justiça se fez injusta e o pobre rapaz foi julgado sozinho.

Em **O vizinho**, o autor apresenta a concorrência profissional que havia entre dois homens, que supostamente espionavam um ao outro por meio de chamadas telefônicas ouvidas pelas paredes que dividiam os escritórios.

[...] Talvez ele nem espere o fim da conversa, mas levanta-se logo depois daquele ponto em que ela esclareceu o suficiente sobre o caso e desliza, como é seu costume, pela cidade: antes que eu coloque o fone no gancho, ele talvez já esteja trabalhando contra mim (KAFKA, 2002, 97).

Um cruzamento, retrata a relação de amor e ódio entre o dono que não aceita os conflitos internos de uma criatura bizarra; metade gato, metade cordeiro. O animal foi uma herança dos bens do pai. Talvez, por esse motivo o sujeito não tenha coragem de se livrar dela. A criatura exótica, por vezes sente inquietações relacionadas a sua característica anormal. Ou seja, ela não se reconhece somente como gato, mas também não só como cordeiro. Devido a essa negação a criatura vive oprimida por não ser quem sempre desejou.

Uma confusão cotidiana, parece ser uma crítica à vida que levamos atualmente com a valorização da presa e a negação das boas experiências advindas da oportunidade de viver.

Doutor em Filosofia (UFSCAR). Docente do Programa de Pós-graduação em Filosofia (UFPI). Brasileiro. Residente em Teresina-PI. E-mail: heraldokf@yahoo.com.br

Graduanda em Pedagogia. Bolsista de Iniciação Científica Voluntária ICV-UFPI (2021-2022) e de Iniciação Científica PIBIC/CNPq – UFPI (2022-2023). Brasileira. Residente em Teresina-PI. E-mail: mikaelydefigueiredo@gmail.com

A verdade sobre Sancho Pança, Kafka põe em dúvida o clássico de Miguel de Cervantes, retratando o fiel escudeiro de Dom Quixote como personagem principal do romance de cavalaria espanhol. Talvez, porque Sancho Pança sempre esteve ao lado do cavaleiro aos trancos e barrancos sempre ajudando e curando suas feridas. O autor parece achar relevante essa reflexão de quem melhor conduz o enredo.

Nos contos o **Silêncio das sereias** e **Prometeu**, é interessantíssimo como o autor traz as figuras gregas heroicas personificadas em Ulisses e Cáucaso. Em ambas as histórias os heróis de *Narrativa do espólio* enfrentam sabiamente os perigos irreduzíveis que os perseguem com sucesso e valentia sem medo de tal proeza. Já em Posêidon, o personagem ganha uma outra função além de proteger, agora administrar as águas. Trabalho cansativo e estressante para Posêidon, pois de vez em quando o herói grego fugia em busca de tranquilidade, porém retornava às atividades ainda mais furioso.

O brasão da cidade, conta a história da construção da Torre de Babel, que deveria ser construída por cada geração. Entretanto, a construção toma rumos diferentes. A classe de trabalhadores é tomada por tamanha ambição e resolve então construir uma cidade para cada povo que, ao instituírem mudanças em suas cidades, acabaram por gerar conflitos sangrentos entre os habitantes que vivem permanentemente em guerra. A cultura da violência nessa cidade é tão perceptível que está presente nas lendas, canções e o brasão da cidade é representado por um punho.

Em a **Comunidade**, o título já expressa uma ironia. Um grupo em repulsa ao desconhecido não aceita de forma alguma um novo integrante na comunidade de amigos. Esse é um conto que leva o leitor a repensar o motivo dos conflitos sociais da atualidade.

Em **À noite**, a breve narrativa convida o leitor a refletir sobre a guerra diária de pessoas que lutam pela sobrevivência noite após noite, fugindo do frio, do sofrimento, buscando alento. “Mas quem vigia?” (KAFKA, 2002), quem olha para essa realidade?

Em **A recusa**, o conto apresenta para o leitor os problemas que existem em uma cidade dominada por um coronel, que há anos administra a cidade, porém nunca

Doutor em Filosofia (UFSCAR). Docente do Programa de Pós-graduação em Filosofia (UFPI).
Brasileiro. Residente em Teresina-PI. E-mail: heraldokf@yahoo.com.br

Graduanda em Pedagogia. Bolsista de Iniciação Científica Voluntária ICV-UFPI (2021-2022) e de Iniciação Científica PIBIC/CNPq – UFPI (2022-2023). Brasileira. Residente em Teresina-PI. E-mail: mikaelydefigueiredo@gmail.com

promoveu mudanças benéficas. Em consequência disso, os cidadãos oprimidos promovem a recusa de tudo o que havia sido imposto.

Sobre a questão das leis, Kafka parece escrever para os dias hodiernos. No conto, o autor fala da tradição e da classe dominante por trás da criação das leis, fazendo com que a classe dominada não tenha conhecimento a respeito da formulação, é como se a nobreza tapasse com uma fenda os olhos do povo que está na base da pirâmide. Para representar Kafka escreveu:

[...] O sombrio dessa perspectiva para o presente só é iluminado pela crença de que virá um tempo no qual - de certo modo com um suspiro - a tradição e o seu estudo chegarão ao ponto final, que tudo terá ficado claro, que a lei pertencerá ao povo e que a nobreza desaparecerá. (KAFKA, 2002, 125).

Em **O recrutamento das tropas**, o autor fala da preparação de soldados, através de castigos severos bem como a preparação das moças para fazer parte da tropa, momento a qual é humilhante, revoltoso e perverso, pois a mulher que não fosse escolhida pelo soldado levaria um soco nas costas.

No conto **A prova**, o leitor é surpreendido com um indivíduo sem sorte, que não se preocupa em mudar sua realidade de acomodação. O sujeito não vive, ele apenas sobrevive sem fazer questionamentos ou autocríticas sobre o estado em que se encontra. E essa situação é uma prova de que o ser humano por vezes não persegue a própria felicidade.

O abutre, é um dos contos mais sombrios e angustiantes que a obra apresenta. O mesmo relata um acontecimento entre um abutre que anseia matar a todo custo um ser humano, que em meio a tamanho sofrimento nenhuma ajuda se fez presente.

[...] Como um lançador de dardos, arremessou até o fundo de mim o bico pela minha boca. Ao cair para trás senti, liberto como ele se afogava sem salvação no meu sangue, que enchia todas as profundezas e inundava todas as margens (KAFKA, 2002, 133).

O **timoneiro**, relata a história do comandante de uma embarcação que a todo momento pergunta-se: "Não sou um timoneiro?" (KAFKA, 2002, 134). Quando menos espera é surpreendido por um desconhecido que o agride. Rapidamente, o timoneiro

Doutor em Filosofia (UFSCAR). Docente do Programa de Pós-graduação em Filosofia (UFPI). Brasileiro. Residente em Teresina-PI. E-mail: heraldokf@yahoo.com.br

Graduanda em Pedagogia. Bolsista de Iniciação Científica Voluntária ICV-UFPI (2021-2022) e de Iniciação Científica PIBIC/CNPq – UFPI (2022-2023). Brasileira. Residente em Teresina-PI. E-mail: mikaelydefiguereado@gmail.com

chama os tripulantes para que o ajudem, porém ao aparecerem não fazem nada. Que espécie de amizade é essa?

O pião, traz a figura de um filósofo que se sente vivaz ao perseguir os giros de um pião. Contudo, após ele conseguir obtê-lo já não sente tanta alegria. É como se o brinquedo perdesse importância, a partir daquele momento. Esse conto apresenta uma crítica às grandes questões filosóficas que vários filósofos tentam solucioná-las, porém ao conseguirem a tão sonhada resposta a questão parece sair fora de cena.

Em **Pequena Fábula**, observa-se um ratinho sofrendo um grande dilema em um mundo que parecia tão grande, agora é pequeno e para compensar existem dois caminhos: Uma ratoeira ou a barriga de um gato.

Volta ao lar, transmite ao leitor um sentimento de nostalgia profunda. No conto, quem for privilegiado com a leitura sofrerá juntamente com o personagem a saudade que ele tem dos fragmentos da infância e a dor por não mais vivê-los em família.

A partida retrata a figura de um homem louco para fugir da realidade. Ao ouvir, o soar de uma trompa foi como se algo o assombrasse ou desgostasse. E em consequência disso, ele sai sem destino rumo ao “fora daqui” (KAFKA, 2002, 141)

Advogados de defesa, é um pequeno conto que parece demonstrar os desafios enfrentados por um sujeito fugitivo da lei, que deve explicações para a justiça. Contudo, a personagem está à procura de um alguém que a defenda a fim de que ela viva o tempo perdido.

Investigações de um cão, é um dos contos mais curiosos que exalta a astúcia e a ousadia de um cachorro incomum, ao passo que Kafka faz uma análise do dia a dia de um cão, como este se compara aos seres humanos. Pois, ele se reconhece como um ser de valor, tanto que afirma: “Todo o conhecimento, o conjunto de todas as perguntas e de todas as respostas, está contido nos cães” (KAFKA, 2002,162)

O casal, fala sobre um comerciante que foi visitar um cliente enfermo e com o filho igualmente moribundo, encontrou um concorrente na residência e teve que passar por uma situação de “quase morte” do seu cliente, até a “ressuscitação” pela esposa dele. Em um trecho do conto o comerciante faz a seguinte ressalva: “O que

Doutor em Filosofia (UFSCAR). Docente do Programa de Pós-graduação em Filosofia (UFPI).
Brasileiro. Residente em Teresina-PI. E-mail: heraldokf@yahoo.com.br

Graduanda em Pedagogia. Bolsista de Iniciação Científica Voluntária ICV-UFPI (2021-2022) e de Iniciação Científica PIBIC/CNPq – UFPI (2022-2023). Brasileira. Residente em Teresina-PI. E-mail: mikaelydefiguereado@gmail.com

se pode dizer a respeito disso? Ela pode fazer milagre. O que já havíamos destruído, ela o restabeleceu” (KAFKA, 2002, 207)

Desista, é um conto seco e poético que confronta um homem, o tempo e o caminho que se perdeu. Se não o encontrou desista!

O último conto da obra intitulado **Sobre os símiles**, Kafka valoriza o papel dos sábios, evidenciando que a vida diária é uma filosofia, independente de cada ato simples que fazemos. O sábio nunca saberá identificar o nosso “lado lendário” (KAFKA, 2002, p.210), mas nos mostrará caminhos para encontrá-lo.

Depois do detalhamento da obra, ou quem sabe até um alerta de *spoiler* para um futuro leitor ou crítico, é possível validar o que Benjamin citou: “O mundo de Kafka é um teatro do mundo. Para ele, o homem está desde o início no palco (BENJAMIN, 1987, 150) isto é, o palco da vida, aquele que não se permite ensaio, porém observar como os outros reagem perante a ela é uma saída para enfrentá-la com mais vigor. Por meio do poder da narrativa, da parábola que constroem a história de um povo oprimido, ou como o conto “O silêncio das sereias” retratado na situação por Benjamin:

[...] Em Kafka as sereias silenciam. Talvez porque a música e o canto são para ele uma expressão ou pelo menos um símbolo da fuga. Um símbolo da esperança que nos vem daquele pequeno mundo intermediário, ao mesmo tempo inacabado e cotidiano, ao mesmo tempo consolador e absurdo, no qual vivem os ajudantes. Kafka é como um rapaz que saiu de casa para aprender a ter medo (BENJAMIN, 1987, 144).

E os outros que fizemos a análise, há criação de um vínculo com a capacidade que a narrativa tem de mudar a concepção das pessoas através da experiência que enriquece a memória e faz com que um povo oprimido pela sociedade dominante descubra a verdadeira história que a constituem como uma sociedade. De forma simplificada, a experiência é um sentimento que há muito tempo vem sendo extinto devido os estragos da grande guerra e da cultura dominante fazendo com que as pessoas percam a esperanças perante aos acontecimentos, contudo segundo Benjamin através do poder das narrativas (contos orais que guardam a vivência de cada ser humano que faz essa partilha com os demais) é possível fazer renascer a experiência a partir do desejo de fazer viver a história encoberta pela cultura dominante por meio da memória humana.

Doutor em Filosofia (UFSCAR). Docente do Programa de Pós-graduação em Filosofia (UFPI). Brasileiro. Residente em Teresina-PI. E-mail: heraldokf@yahoo.com.br

Graduanda em Pedagogia. Bolsista de Iniciação Científica Voluntária ICV-UFPI (2021-2022) e de Iniciação Científica PIBIC/CNPq – UFPI (2022-2023). Brasileira. Residente em Teresina-PI. E-mail: mikaelydefigueiredo@gmail.com

Trazendo para o contexto educacional, a literatura (narrativas, parábolas) e a filosofia através do professor (narrador) podem fazer nascer ou ressurgir a *experiência* dos educandos com objetivo despertar neles o desejo (memória) de fazer do mundo um lugar melhor para todos que fazem parte dele. Um lugar onde não há espaço para violência, a opressão, o egoísmo, a maldade e nem injúria com aqueles que residem nele. Que sejamos aquela garotinha chamada Alice que ao cair dentro do buraco ainda espantada com tudo, e sem saber o que fazer buscou formas de se adaptar naquele mundo através da escuta ativa que ela teve com todos os personagens que fizeram parte da trajetória com ela, bem como, o coelho, o gato e até mesmo a maldosa rainha de copas e, a partir disso, ela nunca mais foi a mesma. A respeito ainda da experiência, Benjamin traz um trecho do que Kafka escreveu:

[...] Eu tenho experiências e não estou brincando quando digo que essa experiência é uma espécie de enjoo em terra firme”. Não é por acaso que a primeira *Reflexão* parte de um balanço. Kafka é inesgotável em sua descrição da natureza oscilante das experiências. Cada uma cede a outra, mistura-se com a experiência contrária (BENJAMIN, 1987, 155).

Talvez, seja por isso, que Kafka resolveu levar as experiências para o contextos dos seus animais extraordinários e suas narrativas singulares, que conversam tranquilamente com Walter Benjamin e a noção de experiência juntamente com a literatura, a educação e a filosofia.

2 As contribuições teóricas de Walter Benjamin sobre a noção de experiência

Walter Benjamin de forma brilhante e inédita conseguiu transformar as palavras experiência e pobreza em sinônimos, pois ambas se complementam e traduzem similarmente, talvez uma das mazelas mundiais, que boa parte da sociedade sofre hodiernamente: A pobreza de experiências. E claro, revela a potência e significação da narrativa como fonte de transformação, se não redescrição dos seres humanos sensíveis a ela, dando enfoque aos questionamentos que devem ser feitos à história que nos apresentam.

Doutor em Filosofia (UFSCAR). Docente do Programa de Pós-graduação em Filosofia (UFPI). Brasileiro. Residente em Teresina-PI. E-mail: heraldokf@yahoo.com.br

Graduanda em Pedagogia. Bolsista de Iniciação Científica Voluntária ICV-UFPI (2021-2022) e de Iniciação Científica PIBIC/CNPq – UFPI (2022-2023). Brasileira. Residente em Teresina-PI. E-mail: mikaelydefiguereado@gmail.com

As consequências dessa escassez de experiências advêm de uma época caracterizada por transformações históricas, econômicas e individuais. Um exemplo grotesco que modificou de maneira esmagadora a vida juntamente com as experiências das pessoas foram os traumas advindos da primeira guerra. Período empobrecido de experiências, relatos, histórias orais que pegou de surpresa uma geração carregada de sonhos que subitamente foram trocados por trincheiras e disparos de canhões.

Nesse ínterim, é como se as pessoas perdessem o sabor das experiências e se voltassem somente para um mundo de ilusões em que elas não se perguntam o porquê dos acontecimentos contraditórios. A história a todo momento parece um copo de vidro lançado ao chão, restando somente os estilhaços, os cacos espalhados por toda a parte. Cabendo a alguém a habilidade de restaurar cada estilhaço de vidro jogado ao esquecimento.

Walter Benjamin em sua alegoria ilustra a concepção de formação da história para sairmos da crise da pobreza de experiências:

[...] Existe um quadro de Klee intitulado *Angelus Novus*. Nele está representado um anjo que parece estar iminência de afastar-se de algo em que crava o seu olhar. Seus olhos estão arregalados, sua boca está aberta e suas asas estão estendidas. O anjo da história deve parecer assim. Ele tem o rosto voltado para o passado. Onde, diante de nós aparece uma cadeia de acontecimentos, *ele* enxerga uma única catástrofe que sem cessar amontoa escombros sobre escombros e os arremessa a seus pés. Ele bem gostaria de demorar-se, acordar os mortos e juntar os destroços. Mas do paraíso sopra uma tempestade que se emaranha em suas asas e é tão forte que o anjo não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual volta as costas, enquanto o amontoado de escombros diante dele cresce até o céu. O que chamamos de progresso é essa tempestade. (GAGNEBIN, 1993, 68-69).

Sabe-se que Benjamin esgueirou-se do sociologismo de alguns autores marxistas e paralelamente colocou em questão a teoria social-democrata do progresso histórico; ele também criticou duramente a ciência literária burguesa e, de forma similar, o historicismo, uma filosofia da história que assim como em um dia chuvoso embaça os vidros de um carro, o historicismo embaça o caráter das lutas de classe, limpando somente o lado da história contada pelos “vencedores”, para a expansão da história universal.

Doutor em Filosofia (UFSCAR). Docente do Programa de Pós-graduação em Filosofia (UFPI). Brasileiro. Residente em Teresina-PI. E-mail: heraldokf@yahoo.com.br

Graduanda em Pedagogia. Bolsista de Iniciação Científica Voluntária ICV-UFPI (2021-2022) e de Iniciação Científica PIBIC/CNPq – UFPI (2022-2023). Brasileira. Residente em Teresina-PI. E-mail: mikaelydefiguereado@gmail.com

Para Benjamin, a reflexão crítica advinda da análise literária será uma ferramenta extremamente necessária para o historiador materialista, pois a reflexão crítica aliada a autorreflexão ampliará a interpretação do que será pesquisado; abrindo o velho baú da história perdida que foi fechado bruscamente e escondido no porão da história universal. Dessa forma, Benjamin denuncia o conformismo da historiografia atual, a qual descreveu os acontecimentos da história universal, mas não os questionou; que relatou vitórias e fracassos, porém nunca olhou no fundo dos olhos dos vencidos.

Nesse íterim, chegamos ao entendimento de uma das frases mais marcantes: “Não existe um documento da cultura que não seja, ao mesmo tempo, um documento de barbárie” (GAGNEBIN, 1993, 57). Isto porque, a história necessita ser revista e escovada a contrapelo procurando sempre algo de anormal, de forma contrária; analogicamente ao momento em que um tutor procura parasitas em seu amado animal.

O papel do historiador materialista será justamente escovar a história a contrapelo, procurando baús escondidos para ler e escrever uma outra história, uma espécie de anti-história. Para que essa libertação aconteça, o historiador precisa ativar a memória que não pertence aos livros de história já escritos. E mergulhar de corpo e alma na teoria benjaminiana da memória e da experiência (*Erfahrung*), contudo não será uma experiência individual e sim histórica que se tornará a cola para os cacos, para os estilhaços da história perdidos em meio a imensidão do ocultismo.

Basicamente, o historiador fará uma breve rememoração de uma experiência do passado, ou seja, é como se as pessoas pertencentes ao passado deixassem uma cápsula do tempo carregada de opressão, sonhos privados para quem ou até mesmo uma nova geração resgatasse e fizessem dela no tempo presente o florescimento dessas idealizações, escrevendo um futuro diferente sem a presença da barbárie (GAGNEBIN, 1993, 62). Vale ressaltar, que essas cápsulas podem ser perdidas novamente, em consequência o historiador deve zelar pela sua conservação para que não seja escondida/esquecida pela historiografia dominante. Portanto, quando todos os pedaços de história forem colados ou quando todas as cápsulas forem encontradas e restauradas viveríamos a redenção, a chegada do Messias.

Doutor em Filosofia (UFSCAR). Docente do Programa de Pós-graduação em Filosofia (UFPI). Brasileiro. Residente em Teresina-PI. E-mail: heraldokf@yahoo.com.br

Graduanda em Pedagogia. Bolsista de Iniciação Científica Voluntária ICV-UFPI (2021-2022) e de Iniciação Científica PIBIC/CNPq – UFPI (2022-2023). Brasileira. Residente em Teresina-PI. E-mail: mikaelydefigueiredo@gmail.com

3 Walter Benjamin e o seu singelo coração de criança

O grande filósofo alemão não escreveu somente sobre história, arte e cinema. Escreveu também sobre educação, porém em um viés educacional benjaminiano. Em seus ensaios estão reunidas narrativas que parecem ter sido retiradas do coração de uma criança. Por sinal Walter Benjamin nunca permitiu que a sua criança interior fugisse para o mundo do esquecimento. Como o crítico alemão possuía bastante dinamismo, ele também foi capaz de discorrer sobre aspectos referentes ao aprendizado da leitura, a prática do teatro para crianças, brinquedos, livros infantis e, ainda, os contrastes entre a educação burguesa e os empecilhos de uma pedagogia revolucionária.

Walter Benjamin em um de seus ensaios mostra como a educação ética, não precisa ser repassada didática e sistematicamente como uma disciplina da escola, mas sim de forma prática, embutida na vivência da criança, pois demasiadamente pode ultrapassar a sensibilidade moral suprimindo-a. Em consonância, Benjamin escreveu:

[...] Pode ser um tanto triste que a criança receba tais percepções da vida apenas numa sala de moral. Mas essa exposição só impulsionará uma criança que já conheça a simpatia e o amor ao próximo. E ela só vivenciará estes sentimentos na comunidade, nunca em uma aula de moral. Que se observe de passagem: a “a energia específica” do sentido moral, a capacidade de empatia moral, não se avoluma com a absorção das motivações e da matéria didática, mas sim com a atividade prática (BENJAMIN, 2009, 16-17).

Vale ressaltar a similaridade presente entre religiosidade e educação ética, isto porque a primeira mostra a maneira em que a educação ética se desenvolveu no seio da comunidade, através de um processo que forma a religião e faz nascer a contemplação religiosa, denominada plasmação ética. Assim, para o desenvolvimento da eticidade o ser humano necessita da “vontade” que o guie perante a lei ética.

Em um aspecto mais voltado ao desenvolvimento do ser criança para o ser adulto há um ensaio intitulado *André Gide: La porte étroite*, onde o filósofo alemão

Doutor em Filosofia (UFSCAR). Docente do Programa de Pós-graduação em Filosofia (UFPI). Brasileiro. Residente em Teresina-PI. E-mail: heraldokf@yahoo.com.br

Graduanda em Pedagogia. Bolsista de Iniciação Científica Voluntária ICV-UFPI (2021-2022) e de Iniciação Científica PIBIC/CNPq – UFPI (2022-2023). Brasileira. Residente em Teresina-PI. E-mail: mikaelydefiguereado@gmail.com

apresenta o eixo central que movimenta a obra *A porta estreita (La porte étroite)*. Crescer para assumir uma outra postura, repleta de seriedade nunca foi algo fácil, da mesma forma que é desafiador tornar-se adulto, com as memórias entristecidas da infância. São exatamente essas complexidades e terrores da adolescência e do crescimento que viverão os personagens do livro ao adentrar a porta estreita; título cujo faz alusão ao Evangelho de Lucas, 13:24. Nessa perspectiva, a experiência também é trabalhada a partir do momento que se enxerga o crescimento como o estado de mudança em que perpetua uma forma abrangente de pensar de pensar a transformação.

Walter Benjamin em seus escritos pouco conhecidos sobre o universo da criança apresenta ao leitor um colecionador de livros infantis, chamado Karl Hobrecker, que guarda um acervo fantástico de livros infantis que só pode ser apreciado por quem quando criança se encantou por belezas, sonhos, aventuras e mistérios resguardados no universo dos livros. Dentro deste ensaio, no qual o grande filósofo alemão resenhou a obra de Hobrecker, é possível ver a historiografia do livro infantil, bem como entender o seu valor na vida e na relação dele com a criança, e como as ilustrações ajudam a própria criança a inserir-se no mundo da escrita e da oralidade.

Cada encontro e combinações de palavras guarda o emocionante nascimento de um mundo que para adentrar basta ter curiosidade, imaginação, o poder de decifrar e sem dúvida saber brincar com o colorido das coisas; qualidades essas que a criança tem de sobra. Esse mundo pictórico, dos rébus, dos hieróglifos, da gravura em cobre, das xilogravuras; as palavras também ganham ritmo, sintonia, fantasia misturando-se as cenas de batalhas, de amor, de mágica, encantamento fazendo a criança escrever e ler seus textos a ponto de saírem do próprio interior e buscarem novos horizontes mais coloridos que Aurora Boreal: esse é o mundo do maravilhoso e hipnotizante livro infantil.

Quando o assunto é referente ao brinquedo infantil é como se o leitor sentisse Walter Benjamin estendendo-lhe a mão para um passeio no Museu distrital brandenbarguês, onde terão a honra de conhecer toda a historicidade dos brinquedos, a exemplo de jogos de salão, blocos de construção, pirâmides natalinas,

Doutor em Filosofia (UFSCAR). Docente do Programa de Pós-graduação em Filosofia (UFPI).
Brasileiro. Residente em Teresina-PI. E-mail: heraldokf@yahoo.com.br

Graduanda em Pedagogia. Bolsista de Iniciação Científica Voluntária ICV-UFPI (2021-2022) e de Iniciação Científica PIBIC/CNPq – UFPI (2022-2023). Brasileira. Residente em Teresina-PI. E-mail: mikaelydefiguereado@gmail.com

soldadinhos de chumbo, teatro de marionetes e etc. Nesse passeio, é possível saber que a produção dos brinquedos ocorria artesanalmente por trabalhadores de ramos diferentes: os marceneiros produziam brinquedos de madeira; já os ferreiros produziam a base do ferro. Dessa forma, Benjamin anunciará críticas potentes a respeito de considerar a criança como a miniatura de um adulto, e não vê-la como alguém autônoma para consertar um brinquedo quebrado, uma vez que não há ninguém mais apropriado do que ela própria.

Ainda sobre a história do brinquedo infantil, Benjamin mostra o desenvolvimento juntamente com a forma de produção do brinquedo na Alemanha. Curiosamente eles surgiram artesanalmente nas diversas oficinas de entalhadores de madeira, fundidores de estanho e etc. Para só depois tornarem-se produtos das indústrias. Com a modernidade dos brinquedos muito se perdeu da autêntica simplicidade, dando lugar ao brinquedo que imita a vida adulta, distanciando a criança da brincadeira vivaz em que ela própria cria e refaz o seu contexto. Se engana quem pensa, que a criança para brincar necessita de brinquedos sofisticados, pois não é o brinquedo que colore a brincadeira, e sim a imaginação que pode fazer de uma sucata um instrumento musical ou um barco que navega a beirada de uma poça d'água.

[...] As crianças, com efeito, têm um particular prazer em visitar oficinas onde se trabalha visualmente com coisas. Elas se sentem atraídas irresistivelmente pelos detritos, onde quer que eles surjam – na construção de casas, na jardinagem, na carpintaria, na confecção de roupas. Nesses detritos, elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas assume para elas, e só para elas. Com tais detritos, não imitam o mundo dos adultos, mas colocam os restos e resíduos em uma relação nova e original. Assim, as próprias crianças constroem seu mundo de coisas, um microcosmos no macrocosmos (BENJAMIN, 1987, 237-238).

Benjamin critica a interferência da cultura econômica exercida no brinquedo, especialmente a cultura técnica das coletividades, pois o brinquedo equivocadamente ao invés de ser visto como produção da criança é inversamente visto como criação para a criança. Da mesma forma que a brincadeira também é visualizada sob o reflexo da imitação adulta (BENJAMIN, 2009, 100). Em contrapartida, através da teoria gestáltica dos gestos lúdicos, vemos como uma brincadeira onde os participantes são livres de qualquer dominação ideológica há contato com o novo, com o prazer aliado

Doutor em Filosofia (UFSCAR). Docente do Programa de Pós-graduação em Filosofia (UFPI). Brasileiro. Residente em Teresina-PI. E-mail: heraldokf@yahoo.com.br

Graduanda em Pedagogia. Bolsista de Iniciação Científica Voluntária ICV-UFPI (2021-2022) e de Iniciação Científica PIBIC/CNPq – UFPI (2022-2023). Brasileira. Residente em Teresina-PI. E-mail: mikaelydefiguereado@gmail.com

a famosa frase: Vamos brincar de novo!? Isto porque, a criança ao tornar-se protagonista do cenário saboreia as experiências adquiridas dando ímpeto ao surgimento do hábito, por isso é tão relevante a brincadeira na infância tanto em casa como na escola.

É simplesmente mágico a forma como Benjamin apresenta o mundo dos brinquedos russos juntamente com a forma de produção. Agora em solo russo, o autor chama atenção para a rica diversidade de brinquedos produzidos a partir de uma gama de materiais diferentes como a madeira, argila, osso, feltro, papel, papier maché; desenvolvidos por centenas de grupos étnicos que residiam ali. Era um trabalho incrivelmente artesanal. Os brinquedos transpareciam a vida dos trabalhadores e até lendas da época: a exemplo de vacas, ovelhas, porcos talhados, camponeses em sua troica, lavradores, ceifadoras ou lenhadores durante o labor e monstros que faziam parte da cultura. Vale ressaltar, que o ensaio carrega duas críticas: a primeira, diz respeito à forma como o brinquedo é produzido, pois quanto mais simples as formas, a criança cria uma relação inteiramente vivaz com ele; o segundo se refere ao declínio da arte popular, devido ao avanço da técnica.

Ao entendermos a concepção de Benjamin, é como ser presenteado com uma lembrança do autor a respeito do teatro de marionetes de Schwiegerlin, em que as “bonecas que se transformam ou as metamorfoses” eram as protagonistas da apresentação (BENJAMIN, 2009, 135). Nessa descrição dada por Benjamin, também é possível imaginar o formato das bonecas de argila artesanalmente criadas pelas mãos das camponesas da província de Wiatka. E como é extraordinário uma brincadeira regida pela curiosidade. Por fim, o convite para refletir sobre como a história de cada brinquedo compõe a própria história da comunidade é salutar para entender o pensamento benjaminiano.

Se olharmos sob a lente de um pedagogo percebe-se que não há como medir a riqueza, pois Walter Benjamin apresenta a criança de uma forma única; extremamente verdadeira, como nunca descrita. Porque ao entender cada palavra escrita por Benjamin sem dúvidas estaremos em uma rua de mão única perdidos em memórias ou encontrando soluções para rever a criança.

Doutor em Filosofia (UFSCAR). Docente do Programa de Pós-graduação em Filosofia (UFPI). Brasileiro. Residente em Teresina-PI. E-mail: heraldokf@yahoo.com.br

Graduanda em Pedagogia. Bolsista de Iniciação Científica Voluntária ICV-UFPI (2021-2022) e de Iniciação Científica PIBIC/CNPq – UFPI (2022-2023). Brasileira. Residente em Teresina-PI. E-mail: mikaelydefigueiredo@gmail.com

Walter Benjamin também em um outro ensaio intitulado *Programa de um teatro Proletário* conta que as crianças começavam a ser educadas proletariamente a partir do quarto ano de vida. Elas possuíam uma educação divergente da classe burguesa, cuja base era a consciência de classe e o contexto (sistema) equivalente ao teatro infantil proletário, pois segundo o autor a educação da criança tem como dever abranger toda a sua vida; já a educação proletária deve-se educar em um terreno delimitado. Ou seja, da mesma forma que a arte imita a vida, porém de forma reduzida o teatro infantil proletário é para a criança proletária o lugar da educação dialeticamente determinada, no qual de maneira lúdica, a partir da encenação, o gesto infantil mostra-se autêntico e não necessariamente precisa ser moldado por ninguém já que as tensões do trabalho coletivo das crianças são os verdadeiros educadores (BENJAMIN, 2009, 113).

O filósofo alemão também lutava por uma educação voltada para a classe de crianças proletárias que fosse complementada, com a exposição política juntamente com a filosofia, pois segundo o autor faltava ainda todos os trabalhos preliminares para uma antropologia dialético-materialista da criança proletária. Claro que, o objetivo não era somente o conhecimento do meio social e das lutas de classe, mas também sobre o trabalho, isto porque, a educação apresenta-se ao mesmo tempo como educação revolucionária. Concepção essa, que na atualidade faz pleno sentido.

Walter Benjamin apresenta com imensa riqueza histórica o desenvolvimento das cartilhas na Alemanha. Por muito tempo, nesse território a qual o autor pertence, vemos como a arte de ensinar as primeiras letras até a alfabetização, de fato foi desprezada, não reconhecendo o aprendizado da criança como ele é verdadeiramente constituído. Ou seja, através das descobertas da própria criança, ludicidade. Por outro lado, também nos é apresentado aspectos positivos. No quesito aprendizagem infantil, Benjamin defende de forma atual que:

[...] Este é um dos princípios mais importantes do método educacional aqui representado: ela [a cartilha] não está direcionada para a “aquisição” e “domínio” de uma determinada matéria - essa espécie de aprendizagem é adequada apenas aos adultos -, mas leva em consideração a maneira de ser da criança, para quem a aprendizagem, como tudo o mais, significa pela sua própria natureza uma grande aventura. [...] A velha escola obriga apenas a uma incessante corrida atrás de metas, a uma disputa generalizada para

Doutor em Filosofia (UFSCAR). Docente do Programa de Pós-graduação em Filosofia (UFPI).
Brasileiro. Residente em Teresina-PI. E-mail: heraldokf@yahoo.com.br

Graduanda em Pedagogia. Bolsista de Iniciação Científica Voluntária ICV-UFPI (2021-2022) e de Iniciação Científica PIBIC/CNPq – UFPI (2022-2023). Brasileira. Residente em Teresina-PI. E-mail: mikaelydefiguereado@gmail.com

conquistar o “saber” daquilo que o adulto todo-poderoso exige. Nisso, porém, as portas para o verdadeiro saber são trancadas. O contexto torna inequívoco aquilo que se entende por “verdadeiro saber” (BENJAMIN, 2009, 145).

Depois de um desenvolvimento histórico negativo, a ideia de inovar ludicamente uma cartilha, resultou em duas partes que a compunha: a primeira parte da cartilha de aritmética e a segunda de leitura. O que chama a atenção são os princípios metodológicos que a cartilha carregava: a intensificação máxima do impulso lúdico mediante a mais íntima ligação entre caligrafia e desenho e a afirmação da autoconfiança infantil (BENJAMIN, 2009, 151).

Dessa forma, percebemos como a criança torna-se dona do próprio aprendizado de maneira divertida e sem traumatismos, como ocorria anteriormente. É impecavelmente extraordinário a metáfora empregada entre a aprendizagem da criança e uma montaria a cavalo, ao passo que o cavalo seria cada letra, cada palavra, e é função do desenho - o qual acompanha todas as fases desse método - trazer com suas curvas, como se fosse rédeas e canga, o animal indomável sob o controle do pequeno cavaleiro (BENJAMIN, 2009, 152).

Se você caro leitor, crítico, estudante chegou até aqui e ficou digamos, assim, perdido nas ideias, veja como a noção de experiência em Walter Benjamin conversa com a literatura, a filosofia e a educação. Ao conhecer os aspectos temáticos e narrativos da obra de Franz Kafka e a dialogicidade que possui com o filósofo Walter Benjamin é possível ver o poder da experiência, da narrativa e da memória para a construção da educação e do desenvolvimento do ser infantil. Na passagem do livro de Jordi Siabra i Fabra: *Kafka e a boneca viajante*, acontece algo muito inusitado antes da morte do escritor tcheco. Ao passear pelo Parque de Steglitz, em Berlim, avistou uma menina chorando pois havia perdido sua boneca. Kafka ao ver aquela situação ofereceu ajuda para encontrar a boneca e combinou um encontro com a menina no dia seguinte no mesmo local.

Infelizmente, não tendo encontrado a boneca da pobre menina, ele escreveu uma carta como se fosse a boneca e leu para a menina quando se encontraram. A carta dizia: “Por favor, não chore por mim, parti numa viagem para ver o mundo”. Durante três semanas, Kafka entregou à menina outras cartas que narravam as

Doutor em Filosofia (UFSCAR). Docente do Programa de Pós-graduação em Filosofia (UFPI).
Brasileiro. Residente em Teresina-PI. E-mail: heraldokf@yahoo.com.br

Graduanda em Pedagogia. Bolsista de Iniciação Científica Voluntária ICV-UFPI (2021-2022) e de Iniciação Científica PIBIC/CNPq – UFPI (2022-2023). Brasileira. Residente em Teresina-PI. E-mail: mikaelydefiguereado@gmail.com

travessuras da boneca em todos os cantos do mundo: Londres, Paris, Madagascar... Tudo para que a menina esquecesse a grande tristeza.

Esta história foi contada para alguns jornais e inspirou um livro de Jordi Siabra i Fabra, *Kafka e a boneca Viajante*. No fim, Kafka presenteou a menina com uma outra boneca. Não era nada parecida com a boneca perdida e havia uma carta anexada que dizia: “Minhas viagens me transformaram...”

Tempos depois, a menina encontrou uma carta enfiada numa abertura escondida da boneca substituta, que dizia: “Tudo o que você ama eventualmente perderá, mas no fim, o amor retornará em uma forma diferente”.

Nessa perspectiva, tudo para a criança é uma descoberta, ao dar a ela a experiência de sentir o mundo da palavra, da escrita, da brincadeira, da imaginação, dos livros, das narrativas será possível fazer com que ela se torne uma Alice no país da literatura, da filosofia, da educação pois o que a experiência toca floresce, e a memória guarda e internaliza. Ser professor, atualmente é possibilitar aos alunos uma cultura do não estilhaço de vivências, mas sim do conserto, do reparo delas. No Japão quando um vaso se quebra, ele é consertado usando ouro para juntar as partes formando uma linda peça, revisitando a situação vivida por Kafka, ele sutilmente reescreveu-a com a habilidade de contar que a boneca viajou e fez surgir a esperança por intermédio da experiência que hoje está marcada na memória. Enfatizando que as experiências precisam ser reunidas através das narrativas, parábolas para serem guardadas na memória a fim de que nenhuma história dominante tome posse da história dos vencidos.

CONCLUSÃO

A concluir, o presente trabalho, é salutar porque possibilitou imensuráveis reflexões acerca de cada personagem que compõe o universo kafkiano; de como o gênero textual narrativo constitui também a experiência sob a visão benjaminiana e como Walter Benjamin apresenta a criança, encontrando soluções para que os

Doutor em Filosofia (UFSCAR). Docente do Programa de Pós-graduação em Filosofia (UFPI).
Brasileiro. Residente em Teresina-PI. E-mail: heraldokf@yahoo.com.br

Graduanda em Pedagogia. Bolsista de Iniciação Científica Voluntária ICV-UFPI (2021-2022) e de Iniciação Científica PIBIC/CNPq – UFPI (2022-2023). Brasileira. Residente em Teresina-PI. E-mail: mikaelydefiguereado@gmail.com

adultos revisem o conceito do “ser criança” a fim de que, esse pequeno ser, seja entendido tanto no aspecto lúdico como educacional. O caminho que foi trilhado até aqui apresentou contextos propícios para se pensar como muitas vezes devido a correria do dia a dia não damos valor ao que realmente importa, vivendo uma pobreza de experiências que é resultado de uma cultura onde o que foi escrito verdadeiramente pode ser apagado facilmente sem deixar rastros, sem que ninguém perceba. Para contextualizar Benjamin diz:

[...] Não é por acaso que o vidro é um material tão duro e tão liso, no qual nada se fixa. É também um material frio e sóbrio. As coisas de vidro não tem nenhuma aura. O vidro é em geral o inimigo do mistério. É também o inimigo da propriedade. O grande romancista André Gide disse certa vez: Cada coisa que possuo se torna opaca para mim. Será que homens como Scheebart sonham com edifícios de vidro, porque professam uma nova pobreza (BENJAMIN, 1987, 117).

Nessa perspectiva, isso reflete na educação que também vive uma pobreza de experiências, pois desde muito tempo a escola vem sendo vista pelos alunos como um lugar cinza e sem cor onde será mostrado algo que dará a ele uma chance no mercado de trabalho, claro que isto é importante, porém o que mais importa e faz a diferença em âmbito escolar é transformar da vida do aluno dando a ele condições para aprender e assim como a garotinha Alice encontrou o seu caminho quando mais estava perdida, o aluno também encontre o seu através do conceito de experiência proposto por Benjamin que está em Kafka e na narrativa como transformação desse ser que busca a emancipação munindo-se da literatura, da filosofia e da educação nunca permita essa experiência ir de encontro ao esquecimento. Que possamos viver a cultura da recuperação de cada estilhaço, valorizando cada marca de "remendo" que reconstrói uma nova vivência para assim desenharmos possibilidades, perspectivas de um mundo, uma escola melhor onde não haverá espaço para barbárie. Se começarmos a guiar as crianças por boas experiências, possivelmente o futuro será constituído por uma sociedade que vê nos estilhaços vivências a serem descobertas e assim aprender com elas.

REFERÊNCIAS

Doutor em Filosofia (UFSCAR). Docente do Programa de Pós-graduação em Filosofia (UFPI). Brasileiro. Residente em Teresina-PI. E-mail: heraldokf@yahoo.com.br

Graduanda em Pedagogia. Bolsista de Iniciação Científica Voluntária ICV-UFPI (2021-2022) e de Iniciação Científica PIBIC/CNPq – UFPI (2022-2023). Brasileira. Residente em Teresina-PI. E-mail: mikaelydefiguereado@gmail.com

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Tradutor: Sergio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo, e a educação**. Tradutor: Marcus Vinicius Mazzari. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

FABRA, Jordi Siarra. **Kafka e a boneca viajante**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2021.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Walter Benjamin: os cacos da história**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

KAFKA, Franz Kafka. **Narrativas do espólio**. Tradutor: Modesto Carone. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

Doutor em Filosofia (UFSCAR). Docente do Programa de Pós-graduação em Filosofia (UFPI). Brasileiro. Residente em Teresina-PI. E-mail: heraldokf@yahoo.com.br

Graduanda em Pedagogia. Bolsista de Iniciação Científica Voluntária ICV-UFPI (2021-2022) e de Iniciação Científica PIBIC/CNPq – UFPI (2022-2023). Brasileira. Residente em Teresina-PI. E-mail: mikaelydefigueiredo@gmail.com